



A PRÁTICA DA LEITURA: A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM UMA ESCOLA REGULAR

Mirian Machado Da Silva

Graduada em pedagogia e Esp. Psicopedagogia
Secretaria Municipal de Educação-SEMED-Tutóia-MA

Rosemary Meneses dos Santos

Graduada em pedagogia e Esp. LIBRAS e Psicopedagogia
Universidade Federal do Piauí-UFPI
rosemary-@hotmail.com

Roberto Vinicio Souza da Silva

Programador; Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI

RESUMO: O presente artigo é um estudo de uma pesquisa realizada na turma do segundo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Parnaíba-PI. O objetivo central do tema: verificar como acontece o processo de ensino aprendizagem da leitura no espaço escolar, na visão do psicopedagogo e sua atuação no desenvolvimento educacional da criança. Com este estudo buscamos descobrir se os professores e psicopedagogos trabalham uniforme de maneira que proporcionem oportunidades para que seus alunos se tornem cidadãos críticos/reflexivos e principalmente, leitores competentes, capazes de entender e modificar seu conhecimento em novos aprendizados. Como são as metodologias aplicadas que facilitam o ensino e aprendizagem do aprendente. Partimos de uma pesquisa de análises bibliográficas, seguindo um estudo de campo, de natureza qualitativa, na qual os dados foram recolhidos mediante a aplicação de questionários semi estruturado, entrevista e observação não-participante. Na execução do trabalho tivemos como colaboradores uma professora e dois alunos. E alguns teóricos que subsidiaram esta pesquisa. Diante dos dados coletados e criteriosamente analisados, verificamos que os alunos têm vontade de saber ler e escrever, mas sentem muita dificuldade devido à falta de práticas inovadoras em sala de aula. Sabe-se o quanto a leitura é primordial na vida de uma criança, ela facilita seu desenvolvimento e leva-os a adquirir autonomia sobre se e interagir com o meio de forma crítica e participativa. A escola enquanto instituição de modificar e transformar cidadãos necessita estimular seus aprendentes a criarem o habito da leitura em prol de melhorar suas vidas.

Palavras-Chave: Leitura, Prática docente, Intervenção Psicopedagógica.



1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são de grande importância para a formação de alunos conscientes e críticos, pois o ato de ler é na verdade uma condição essencial para vivenciar a cidadania. Neste sentido, a leitura se constitui como um dos avanços na busca do conhecimento sistemático e aprofundado. Assim, ler e escrever são atos essenciais para compreender os direitos e deveres do sujeito cidadão.

O ato da leitura exige dos professores e demais profissionais envolvidos compromisso, de tal modo, que o trabalho do psicopedagogo no desenvolvimento do discente se faz necessário por ser uma profissão que busca trabalhar a dificuldade. Solé (2001) ressalva a importância da intervenção do psicopedagogo na escola como um recurso especializado a serviço da instituição, alunos, pais e professores. Por esse motivo, sua atuação se estende a escola, clínica, hospital e empresas, é uma tarefa desenvolvida de forma multidisciplinar, pois cada ser aprendente é único, e nem sempre um único profissional resolve tudo, cada um com sua particularidade em sua especialidade e problemas que vem a sua frente. A partir destas questões, o desenvolvimento da presente pesquisa contemplou as concepções pedagógicas ao processo de ensino da leitura mostrando como acontece esta prática no 2º ano do Ensino Fundamental, seus desafios e possibilidades no processo de ensino e aprendizagem em uma escola municipal de Parnaíba-PI.

O caminho seguido de ensinante e aprendente, precisa de intervenção do psicopedagogo nas escolas, sendo ele, de grande importância para que se possa fazer um trabalho direcionado ao problema ou na dificuldade apresentada pela criança no processo de assimilação da leitura. Nestas elucidações surgiu algumas indagações: qual a concepção que os educadores têm a respeito do ato de ler e escrever? e por que estes são praticantes de uma pedagogia mecanicista? Quais os motivos que leva o professor a desconsiderar a bagagem de conhecimentos que os alunos trazem para o espaço escolar, voltados à leitura?

De acordo com os embasamentos citados, a pesquisa teve como objetivo principal: verificar como acontece o processo de ensino aprendizagem da leitura no espaço escolar, na visão do psicopedagogo e sua atuação no desenvolvimento educacional da criança. E como objetivos específicos: analisar os principais aspectos que interferem no desenvolvimento de ensino aprendizagem da leitura; identificar os problemas vivenciados pelos aprendentes no processo de ensino e aprendizagem da leitura no 3º ano do Ensino Fundamental; Relatar como é feito o trabalho de leitura no espaço escolar.



O interesse pelo tema surgiu a partir de experiências no cotidiano escolar durante o curso de pós-graduação. Na qual, estimulo a buscar e perceber a importância do ensino da leitura no desenvolvimento de todos cidadãos, tornando-os competentes e capazes de agir, refletir e agir sobre se o meio de formar consciente, observando valores, socializando-se, tornando-os críticos e participativos. Nessa concepção, a relevância do psicopedagogo no processo de ensino e aprendizagem da leitura como um meio transformador de vida.

2 O Ensino da Leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental

O ato de ler é primordial para o desenvolvimento pessoal e intelectual do homem, através da mesma a criança adquire os saberes necessários para que se torne um adulto atuante no meio social no qual esteja inserido. Para Silva (2005, p.16) “a leitura, enquanto um modo peculiar de interação entre os homens e as gerações, coloca-se no centro dos espaços discursivos escolares, independentemente da disciplina ou área de conteúdo”. O ato de ler nos faz descobrir o mundo, talvez saindo da escuridão para a claridade dos sonhos, descobrindo um novo jeito de nos comunicarmos com os outros, aprimorando nosso vocabulário, nossa forma de pensar e agir, enfim, tornando-nos um novo ser reflexivo e crítico, um cidadão pleno.

Seja na escola, em casa ou lugares diversos, ter acesso ao mundo da leitura é essencial. Entretanto, a escola é por excelência o ambiente onde devem acontecer as boas práticas de leitura. A criança, desde os primeiros dias de escolarização, deve ter acesso ao universo literário, principalmente o livro. Neste bojo, Martins (2006, p.42) advoga:

Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas. Para muitos adultos e especialmente crianças não alfabetizadas essa é a leitura que conta. Quem já teve oportunidade de vivenciá-la e de observar a sua realização sabe o quanto ela pode render.

Mediante o postulado acima, podemos aferir que a criança desperta de forma natural a sua curiosidade e posteriormente seu desejo de descoberta da cultura letrada, simplesmente em pegar e manusear o livro, como se fosse seu primeiro brinquedo, às vezes rasgando-o ou rabiscando-o, porém, interagindo com ele, de certa forma, lendo-o.

Dessa forma, nas séries iniciais do Ensino Fundamental é necessária uma atenção especial ao ensino de leitura. Criar estratégias para facilitar o gosto pela leitura, bem como desenvolver atividades que envolvam a criança, de modo a ajudá-la a crescer e ser um adulto



letrado e preparado para agir de forma crítica e significativa na sociedade objetivando da escola seu deve enquanto instituição de transformação.

É preciso que os educadores despertem nas crianças a importância pela leitura mostrando para elas que ler serve para todos os momentos da sua vida, seja para ir ao supermercado, ao pegar um transporte, procurar endereços e também aprender a se comunicar, tornando-se uma pessoa culta. Conforme esclarece Martins (2006, p.11), “começamos a ler desde o nosso primeiro contato com o mundo a partir do cheiro de quem nos amamenta, do afeto que recebemos de nossos pais e as sensações boas e desagradáveis que nos atingem”. Segundo a autora, na barriga o embrião já escuta a voz da mãe, senti as emoções positivas e negativas vivenciadas por ela. Assim, a leitura deve fazer parte da rotina da mãe durante sua gravidez.

2.1 Estratégias de leitura: abordagens pedagógicas

Ratificando as menções anteriores, antes mesmo que as crianças aprendam a decodificar é possível a iniciação das mesmas às práticas de leitura, desta forma, quando aprendem as letras já têm contato com o verdadeiro sentido de ler, ou seja, poderão ir além das palavras escritas. Sobre isso, Jolibert (1994, p. 15) afirma que, “É lendo de verdade desde o início que alguém se torna um leitor e não aprendendo primeiro a ler”.

No intuito de desenvolver cada vez mais cedo no aluno o prazer pela leitura, a escola como espaço convencional e privilegiado do saber, precisa rever suas práticas e renovar seus procedimentos, utilizando inadequadamente instrumentos modernos de ensino e tornando seus leitores ativos. “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola” (CAGLIARI,1998 *apud* BIZZOTO, 2010, p.49).

É válido salientarmos que a leitura não pode ser tratada como uma obrigação, mas como objeto de prazer, uma via de aprender, conhecer, criar, viajar e quem sabe se tornar uma pessoa melhor, contra todas as formas de manipulação e opressão. Segundo Paulo Freire (1991) “se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar. É praticando também que se aprende a ler e escrever. Vamos praticar para aprender e aprender para praticar melhor.” Nessa perspectiva, devemos estimular os alunos a ler de forma prazerosa, tornando a leitura significativa, mostrando-lhes que podemos despertar o gosto pelo ato de ler e com isso facilitar a participação social do educando.



A leitura por obrigação não torna o aluno um leitor permanente, é preciso gostar de ler e aprender a conviver com os livros para conseguir interpretar e assim internalizar o que conseguiu decodificar, caso contrário não passará de uma mera decodificação de códigos. Para Ferreiro e Teberosky (2001) uma das dificuldades da leitura e escrita no processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais, tem sido um problema, por ser percebido por muitos como um ato tradicionalmente como um objeto de instrução sistemática, pertencente a escola. Todas atividades de interpretação e escrita começa antes mesmo da criança ir a escola.

A leitura deve ser deliciada, envolvente, fazendo o aluno ter o desejo de ler um texto, uma música, um poema ou a sua própria história, ele precisa de liberdade para se tornar um leitor. Só assim formaremos adultos conscientes.

Segundo Bamberger (2010, p. 55) “muitas escolas tem um único livro de leitura para todo o ano escolar, o que torna necessária a frequente repetição de alguns textos”. Na mesma obra o autor afirma também que assim a leitura fica enfadonha com a dificuldade de livros diversificados fazendo com que a criança perca o interesse e o gosto pela leitura e as expectativas de conhecer outros livros. Por isso, faz-se necessária e imediata a inserção, bem como a implementação dos programas voltados à leitura na escola.

A escola também deve fazer sua parte, criando outras atividades envolvendo a leitura oral, como por exemplo, a criação de cantinhos de leitura no quais, dentre outras atividades, a criança possa criar suas próprias histórias; ou ainda, proporcionar a eles a oportunidade de participar de concursos de leitura, seminários, e outras formas de exposição de alguma leitura realizada pelos mesmos, etc.

2.2 O papel do professor como promotor de leitura nas series iniciais

A atual conjuntura educacional exige do profissional docente uma importante tomada de decisão: ser um educador inovador ou continuar o legado do professor tradicionalista. Somos cobrados pela sociedade a qual exige um ensino de qualidade, significativo, pautado na associação entre teoria e prática. Neste segmento, Silva (2009, p. 59) inquire:

Por falta de embasamento na área das teorias de leitura, o professor se vê extremamente desamparado no momento em que tem que ensinar ou orientar a leitura entre seus alunos. Perante as lacunas teóricas, os procedimentos alternativos mais comuns para o professor são: a total dependência dos livros didáticos e suas famigeradas lições ou então a imitação ingênua dos seus antigos professores de outrora.



Esta afirmação faz referência à realidade brasileira; deparamo-nos com alguns profissionais que ainda não são capacitados para promover, com êxito, o letramento nas séries iniciais. Ainda de acordo com Silva (2009, p. 59-60) “é muito forte e penetrante o velho ditado: uma vez diplomado, uma vez formado (para sempre).” Segundo a teórica, esse jargão torna-se inválido quando partimos da premissa de que a essência do ser professor ou do fazer educativo dirige-se exatamente para o crescimento, o aprofundamento e a renovação constantes do saber epistêmico, sem o qual corremos o risco de esclerose didática pelo desconhecimento das ininterruptas conquistas culturais. Educar é uma tarefa continuada, o docente deve estar atento às mudanças, para não chegar ao comodismo, parando no ensino tradicional por medo ou falta de interesse de ir em busca de novos conhecimentos.

Cabe ressaltar que a escola precisa de professores inovadores, autênticos, pesquisadores, dinâmicos, afetivos que saibam desenvolver atividades que agucem a leitura, incentivando seus alunos com seu próprio exemplo de leitor atuante. Agindo assim os alunos sentir-se-ão motivados a aprender. A função do docente como agente de leitura deve partir da ação escolar, gerenciada e organizada pela proposta pedagógica voltada ao desenvolvimento de aprendizagem de cada discente. Neste caso, as funções dirigidas à escola, em relação à aquisição da leitura, recaem sobre o professor, por se tratar da última instância de contato com o alunado. Instância esta que parte do Governo e suas repartições, que determinam as leis e diretrizes, passando pelos teóricos que estudam o ambiente escolar e expõem suas suposições acerca deste estudo, e chagando até as escolas. Portanto, toda função dirigida à escola é retransmitida aos professores. (NUNES, 2007). Ao iniciar o desenvolvimento da leitura e da escrita é de extrema importância que o docente ensine à criança a ler o seu dialeto.

Baseando-se neste pressuposto a escola tem como uma das suas funções a de disseminar os diferentes textos que circulam no convívio social (BRASIL, 1996) sobre os mais diferentes temas. Esta tarefa não deve ser encarada somente como uma forma de facilitar ou melhorar a leitura individual das crianças, mas sim de torná-los indivíduos conscientes de sua realidade e, conseqüentemente, agentes transformadores do ambiente em que vivem criando neles o senso de cidadania.

Contudo, sabemos que o ensino da leitura é uma tarefa complexa para o professor realizar, tendo que aliar a isso a precariedade. Em grande parte dos casos, a falta de suporte a esses profissionais pelo poder público e o ritmo de trabalho intenso, deixa-os sem tempo para aplicar em sua formação continuada e conseqüentemente melhorar sua prática. O resultado é a



grave situação descrita por Zen (1997), a qual afirma que as atividades de leitura são realizadas em sala de aula de forma mecânica, não deixando o aluno fazer interpretações a cerca daquilo que se está lendo. Além disso, o ambiente de grande parte das salas de aula do país não está adequado ao trabalho de leitura que se almeja.

A realidade da sala descrita acima não proporciona uma promoção de leitores ativos. E também neste contexto o incentivo para a leitura não é realizado. Na maioria das vezes a leitura feita em sala de aula é aquela dos textos contidos nos livros didáticos (recurso importante e usual, porém não utilizado de maneira correta), que se caracterizam por serem fragmentos de textos originais de outros livros. Porém, Colomer (2007) afirma que não há leitura sem livros. Neste caso o professor deve proporcionar o acesso dos alunos aos livros criando oportunidades para que este encontro se torne cada dia mais frequente.

É válido lembrar que a leitura não se encontra apenas nos livros, mas também em revistas, jornais, *outdoors*, placas de trânsito, embalagens de produtos, enfim, em diversos locais e situações que fazem parte do cotidiano das crianças. O letramento neste caso é uma necessidade para a vida e bem estar dos cidadãos.

O professor precisa atentar seus olhares para esta realidade, transpondo sua prática para além da sala de aula, devendo penetrar no universo que circunda a vida dos alunos. Fazendo com que estes possam usufruir da leitura de mundo (como diria o educador Paulo Freire) para entender sua vida e a de sua coletividade. E esta tarefa deve ser realizada desde muito cedo, assim como aponta Colomer (2007, p. 104):

A reação em favor da literatura tem do seu lado uma notável quantidade de estudos, demonstrando que a leitura para as crianças incide em aspectos tais como o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de conceitos, o conhecimento de como funciona a linguagem escrita e a motivação para querer ler.

Assim uma criança em contato frequente com fontes de leitura tem a predisposição a se tornar um leitor fluente, desfrutando das benfeitorias descritas acima, que esta prática pedagógica proporciona. Desse modo, ratificamos a afirmação: só se aprende a ler lendo. A prática constante da leitura produz leitores bem preparados.

Nessa interação com os livros a criança pode colocar sua experiência de mundo em confronto com aquela realidade descrita pelo autor no livro. Esta troca garante maior competência interpretativa ao leitor. No caso da sala de aula, o professor deve favorecer este intercâmbio entre o que se fala no texto e aquilo que os alunos conhecem e pensam.



Zen (1997, p. 23-24) corrobora com essa afirmativa quando postula que “o texto literário e uma fonte inesgotável de leituras”. Quanto mais pessoas leem um determinado texto mais significados são atribuídos a ele. Esse fato se deve ao saber construído a partir da vivência de cada indivíduo, na interação com os seus interlocutores.

3 METODOLOGIA

A metodologia é um instrumento que ordena os passos do pesquisador, favorecendo a ele suporte em investigar e adquirir resultados segundo suas inquietações. Lakatos e Marconi (2003, p.82) “método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

A instituição pesquisada funciona nos três turnos, oferecendo o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos. A escola atende a uma clientela de 584 alunos. A escola atua na comunidade há mais de duas décadas, oferecendo a comunidade escolar uma gestão democrática.

O estudo da pesquisa teve inicialmente uma análise bibliográfica, de cunho descritiva, tendo abordagem qualitativa, após leituras tivemos um trabalho de campo. Os participante deste trabalho foram um professor (X) e dois alunos (A e B), por motivos éticos e não permissão dos mesmos, seus nomes ficaram no anonimatos. Para adquirir os resultados foi realizado um questionário semi - estruturado com seis questões na qual foram usadas somente três ao docente e uma entrevista com três perguntas aos discentes . Para Gil (2008, p.128) a entrevista é uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Para maior compreensão do estudo tivemos como teóricos: Bamberger (2010), Martins (2006), Silva (2005), Cagliari (2004), Colomer (2007), Gil (2008) e outros

4 ANALISES E DISCURSÕES

4.1 Questionário Ao Professor

Nesta etapa colocamos primeiramente as questões relacionadas a professora, e tal resposta está da forma descrita pela autora. Assim na primeira categoria perguntamos à



professora: O professor tem o papel de mediador no processo da leitura. Quais estratégias e/ou procedimentos metodológicos você contempla para trabalhar o treino e a aquisição da leitura de seus alunos? Se tiver alguma dificuldade nas atividades procura ajuda do psicopedagogo? Uma das estratégias são as fichas, cartazes, jogos, alfabeto móvel. E na escola não tem psicopedagogo.

Podemos perceber diante da resposta da professora uma contradição entre aquilo que é dito em relação ao que é executado na sala de aula, pois ela não fez uso dos recursos citados, usando apenas o quadro e a oralização sem dinamismo, de acordo com os PCN de Língua Portuguesa (2001) é preciso que haja um ensino de qualidade onde o professor não ensine, mas aprenda com os conhecimentos do alunado.

Na segunda categoria perguntamos à professora: Na sua concepção, quais os principais problemas os quais prejudicam ou atrapalham o processo de aquisição da leitura e da escrita em sua turma? Ao identificar alunos com dificuldades de leitura o que faz para intervir? Não tenho dificuldades, pois foram bem alfabetizados.

Podemos perceber diante das observações que a professora não leva seus alunos a praticar a leitura, não põe em prática o que diz em sua resposta, seria muito interessante para o cotidiano de seus alunos, que fossem incentivados para terem o hábito da leitura.

Na terceira e última categoria perguntamos à professora: Com que frequência você trabalha a leitura e a escrita em sua sala de aula?, Todos os dias.

Percebemos que a professora realmente precisa se oportunizar em relação a novos conhecimentos, pois foi bem direta em sua resposta, demonstrando fazer uso diário da leitura, segundo as observações realmente ela tira momentos de leitura de forma não orientada e sem debater posteriormente o entendimento de cada aprendente. Segundo Bamberger (2010) o professor precisa incentivar seus alunos para que eles tenham interesse em aprender, pois os mesmos só aprendem o que lhes interessa.

4.2 Entrevista Aos Alunos

As crianças entrevistadas são do 3º anos do fundamental, com idade de 08 e 09 anos. Os resultados da entrevista foi gravada e depois transcrita para não perder as respostas.

Na primeira indagação, perguntamos: Você gosta de ler?, os dois alunos A e B, responderam “sim”. Diante das respostas percebemos que ambos gostam de ler, e nas observações eles demonstraram, assim seria satisfatório se a professora soubesse aproveitar a boa vontade dessas crianças, dinamizando práticas inovadoras. Mas infelizmente, essa pratica



ainda não acontece em sala, prejudicando o desenvolvimento do interesse pela leitura dos alunos. Cagliari (1997, p.169), “uma criança que aprende a ler toma velocidade no aprendizado da primeira série. Um aluno que não lê aprenderá o resto com dificuldade, e pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo muito bem o que esta escrito e nem como funciona”.

Na segunda questão, indagamos aos alunos: nas aulas diárias são usados apenas os livros didáticos (português, matemática, história, geografia, ciência) ou tem contato com outros tipos de livros? Quais?

Os dois responderam que só têm acesso aos livros da sala, geralmente os livros didáticos. As respostas dos alunos evidenciam um fato comum no cotidiano da maioria das salas de aula pelo Brasil a fora. Nesta realidade o trabalho com a leitura se dá quase que exclusivamente através dos textos presentes nos manuais disponibilizados pelo Ministério da Educação aos alunos e professores através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Na maioria da vezes os docentes não fazem uso adequado da leitura de livros didáticos específicos, apesar de também existir um programa nacional para que sejam disponibilizados livros dessa natureza para a criação de espaços de leitura nas escolas brasileiras.

Na terceira, perguntamos: qual literatura você mais gosta de ler? A este questionamento os alunos responderam obedecendo a quatro alternativas: livro, jornal, revista e outro. Então obtivemos os seguintes resultados, disseram que gostavam de ler livros.

Percebeu-se com as respostas, que o item mais lembrado como forma de leitura é os livros. O item jornal e revista não foi citado por nenhum dos sujeitos pesquisados. Muitas vezes por ser este um meio de comunicação e de leitura pouco utilizado nos dias atuais, principalmente pelos membros das classes mais populares, por ser um item relativamente caro para o orçamento familiar da imensa maioria da população brasileira.

CONCLUSÃO

Compreendemos que saber ler é fundamental na vida do ser humano, o qual deve estar sempre em busca de novas experiências. Para aprender a ler e escrever é preciso ter acesso a diversidade de livros e textos escritos para que a criança sinta o prazer de se deliciar na leitura, para compreender os direitos e deveres do sujeito cidadão. Somos sujeitos históricos e como tais, devemos atuar na sociedade, transformando-a conforme as necessidades individuais e coletivas.



Acreditamos que os objetivos traçados por este trabalho monográfico foram alcançados, proporcionado através da aplicação dos instrumentos de coleta de dados e do contato direto com a realidade da escola pesquisada. Com isso conhecemos de fato como se dá a prática e a leitura em uma sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Concebemos que a leitura é uma prática que beneficia a práxis do professor em sala de aula, enriquecendo as oportunidades de formação individual do ser humano, tornando-o um educador pensante para superar a prática formalista e mecânica, e os métodos aplicados em sala para aprender a ler não se resumam a “decoreba” de signos linguísticos, impossibilitando o indivíduo a se integrar efetivamente na sociedade.

Diante de nosso estudo verificamos que a profissional que participou da pesquisa precisa de capacitação para se envolver na aprendizagem de seus alunos, mesmo resistindo a mudanças, talvez precise de oportunidade para fazer a diferença. Observou-se que as questões norteadoras foram respondidas de maneira a fazer com que o professor refletisse em sua prática no processo de ensino aprendizagem. Pois não está trabalhando de acordo com as novas perspectivas educacionais, prejudicando assim o desenvolvimento da aprendizagem do aluno enquanto cidadão.

Espera-se, que este trabalho seja um começo para novas discussões sobre o ensino e aprendizagem da leitura na escola, tanto do professor como o aluno, necessitando ser discutido com maior aprofundamento e continuidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília: MEC, 1996.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

BIZZOTO, Maria Inês; AROEIRA, Maria Luisa; PORTO, Amélia. **Alfabetização linguística da teoria à prática**. Belo Horizonte: 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. 11 imp. São Paulo: Scipione, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FERREIRO, Emília. Reflexão **sobre alfabetização**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAKATOS, EVA MARIA. **Fundamentos de metodologia científica 1** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Ed. 19. Reimpressão. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos, 74).

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa, primeiro e segundo ciclo**. Brasília: 2001.

NUNES, T.; BUARQUE L.; BRYANT, P. Dificuldade na aprendizagem da leitura: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para aprender e sentido da aprendizagem. In O Contrutivismo na sala de aula, São Paulo, Ática, 2001.

TEBEROSKY, Ana, **Aprendendo a escrever**. 1. Ed. São Paulo, Ática, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. São Paulo: global, 2009.

ZEN, Dalla Izabel Maria. **Historias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.